

Situação preocupa baiano

Salvador — O presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia, Orlando Moscozo, mandou telex ontem ao ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, manifestando em termos enfáticos a preocupação do setor empresarial baiano para o fato de uma virtual paralisação do país.

— Lamentavelmente estamos vivendo momentos altamente preocupantes. Com uma conotação estranha de um plano elaborado, estruturado e financiado com o objetivo de criar um estado de anarquia que fatalmente desestabilizaria o governo como um todo — afirma o telegrama da FIEB.

O documento da Federação acrescenta que a simultaneidade de diversas greves pelas categorias que as envolvem, “deixou o povo, por todos os seus segmentos, sem alimentos, sem dinheiro, sem transporte, sem médico, sem serviços básicos e essenciais, sem segurança e até sem coveiro para enterrar os seus mortos, e outras greves já se processam, como a dos professores, do IBGE e já se anuncia até uma greve dos padres (felizmente somente os progressistas)”.

O presidente da FIEB, Orlando Mos-

cozo, que dirige o maior grupo exportador de cacau do país — o grupo Barreto de Araújo —, afirmou ainda no telegrama dirigido a Pazzianotto, que “tudo isso é lamentável, pois essas greves foram deflagradas sem que fosse seriamente tentada uma conciliação. São simples demonstrações de força e capacidade de arregimentação. Existe um grupo bem identificado, bem municiado, por fontes desconhecidas, que se dispõe a enfrentar a nação brasileira, tramando contra a soberania nacional e estabilidade do sistema”. A denúncia da FIEB não cita, no entanto, o nome do grupo acusado.

Em nome da principal entidade do empresariado baiano, Orlando Moscozo Barreto de Araújo alertou ainda o ministro do Trabalho para o que “está acontecendo no Brasil e especialmente na Bahia, que tem um povo educado, tolerante e totalmente pacífico sem que isso signifique passividade ao sofrimento e alheamento aos problemas nacionais. O baiano se acostumou a sofrer durante um período maior, sempre esperando, contudo, que a razão suplante a violência. Não obstante, sabe reagir no momento próprio”, advertiu o empresário no telegrama ao ministro Almir Pazzianotto.